

MODO DE VIDA CAMPONESA: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA COMUNIDADE BOM JESUS NA ESTRADA DA EMADE –TEFÉ/AM

Mode of camponesa life: changes and permanences in the community Bom Jesus on the road of EMADE -Tefé/AM

Nágila dos Santos Situba
Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.
nagilasituba@hotmail.com

Massilene Mesquita
Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.
Massilene.mesquita@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo analisar as mudanças e permanências dos modos de vida camponesa da comunidade Bom Jesus, situada na estrada da EMADE, município de Tefé-Amazonas. Neste sentido, as transformações e permanências ocorridas nesta comunidade estão relacionadas à abertura da estrada da EMADE (1997) e a instalação da Empresa Amazonense de Dendê na década de 1980. Além disto, outro elemento agregado a essas mudanças é o processo de urbanização que se expandiu em todo o globo terrestre, trazendo consigo transformações nos modos de vida, no cotidiano e na relação cidade e comunidade. Os resultados obtidos apontam mudanças no que se refere aos modos de vida, hábitos alimentares e atividades agrícolas que caracterizavam os camponeses. Além disto, outras atividades se inseriram no cotidiano dos camponeses como: extração de madeira, carpintaria, comércio, produção de carvão, servidor público etc.

Palavras Chave: Modos de vida; camponês; comunidade.

ABSTRACT: This research had as objective to analyze the changes and permanences of the peasant ways of life of the community good Jesus, located in the highway of the EMADE, municipality of Tefé-Amazonas. In this sense, the transformations and permanences that occurred in this community are related to the opening of EMADE's road (1997) and the installation of the Amazonian Company of Dendê in the 1980's. In addition, another element added to these changes is the urbanization process that Expanded throughout the globe, bringing with it transformations in the ways of life, in the daily life and in the relationship between city and community. The results obtained indicate changes in the way of life, eating habits and agricultural activities that characterized peasants. In addition, other activities were included in the daily life of peasants, such as: extraction of wood, carpentry, commerce, coal production, public servants, etc.

Key words: Modes of life; peasant; community.

INTRODUÇÃO

A comunidade Bom Jesus está localizada na estrada da EMADE, no município de Tefé (AM). Segundo estimativa do IBGE (2010), o município apresenta 61.453 habitantes, sendo 50.069 na área urbana e 11.384 na rural, sua unidade territorial é de 23.692,223 km², com latitude 03°21'15" S e longitude 64°42'41" W.

A comunidade foi criada em 24 de agosto de 1989, a partir de uma associação comunitária chamada Bom Jesus. Esta se localiza em área de terra firme, à margem direita da estrada da EMADE (km 19) e possui aproximadamente 30 famílias. A maioria dos moradores vivem do desenvolvimento de atividades voltadas para agricultura familiar e pesca, porém, com a abertura da estrada, os camponeses passaram a realizar outras atividades.

A estrada da EMADE está situada a 8 km da cidade de Tefé e consiste em um trecho de 22 km, sendo que seu trecho final se encontra próximo ao rio Solimões. Esta estrada caracteriza-se por ser uma pista única e de mão dupla, com alguns trechos sinuosos, servindo para o escoamento de produção agrícola. A via recebeu esta nomenclatura devido a chegada da Empresa Amazonense de Dendê (EMADE) na cidade de Tefé, em meados de 1980, para implantação de um projeto que visava à produção de dendê na estrada.

A via tem grande importância para o comércio local, principalmente, na época da cheia, a qual a produção agrícola dos ribeirinhos de áreas de várzea fica comprometida. Neste caso, a produção agrícola das estradas EMADE e Agrovila abastecem a feira municipal e estabelecimento comerciais locais.

Diante da necessidade de entender o trabalho e os modos de vida dos camponeses das comunidades de terra firme da Amazônia, em especial as localizadas na estrada da EMADE no Município de Tefé (AM), optou-se em analisar a comunidade Bom Jesus.

Neste contexto, as comunidades rurais da Amazônia se caracterizam como grupos de pessoas que se territorializam em áreas de terra firme ou várzea, desenvolvendo laços de amizade, vizinhança, parentesco e produção. Este fato se assemelha aos moradores da estrada EMADE, em Tefé (AM), onde há agrupamentos de pessoas que vivem e trabalham nessas terras no entorno da estrada. Estas são denominadas como comunidades e há existência de serviços básicos oferecidos pela municipalidade como: escola e centro de atendimento à saúde entre outros, além de igrejas e salão de reuniões das associações de moradores.

Neste sentido, as mudanças dos modos de vida dos camponeses estão relacionadas às novas práticas advindas do urbano e da cidade. Com o advento da indústria, muitas mudanças ocorrem no campo, sendo este o motor da transformação capitalista da sociedade rural (KAUTSKY, 1986). Essas alterações trouxeram consequências e uma delas é a destruição ou redução da agricultura camponesa. Diante dessa relação entre indústria e agricultura, Kautsky defende a ideia de que “[...] a agricultura não se desenvolve em absoluto como cópia fiel da indústria, [...]. Isso não significa, de forma alguma, que o desenvolvimento da agricultura se opõe ao da indústria de forma

inconciliável” (1986, p. 15). Antes de a indústria se desenvolver já existia a agricultura familiar.

Portanto, este artigo é oriundo de discussões teóricas realizadas na disciplina de campesinato e modos de vida do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFAM, além disto, teve também como suporte empírico uma pesquisa de campo realizada em 2014 na comunidade Bom Jesus, localizada na estrada EMADE, em Tefé (AM).

Objetivou-se nesta pesquisa analisar as mudanças e permanências ocorridas na comunidade Bom Jesus, a partir da abertura da estrada da EMADE, que se localiza na cidade de Tefé (AM). Nossas discussões permearam na relação entre o rural (comunidade) e o urbano (cidade) à luz da urbanização como fenômeno transformador das relações camponesas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi realizada em etapas: No primeiro momento, realizou-se pesquisa de campo (2014) na comunidade Bom Jesus com auxílio de estudantes da Escola Municipal Santa Clara, nossos objetivos iniciais foram descrever a história da comunidade, a partir da memória de moradores antigos. Sequencialmente, fez-se a descrição dessas histórias orais e análise das mudanças e permanências dos hábitos e costumes dos camponeses. A terceira etapa foi a construção do artigo científico, dialogando com as referências bibliográficas da disciplina de campesinato.

CONCEITO DE CAMPONÊS: BREVES CONTRIBUIÇÕES

Em diversos estudos em Geografia Agrária e em outras áreas afins, é comum autores não definirem precisamente o conceito de camponês, e esta indagação permeia também neste trabalho. Neste sentido, não somos forçados a definir ontologicamente o que seria camponês, mas, na tentativa de discutir os conceitos, debruçaremos nas ideias de alguns autores que podem contribuir conceitualmente com esse pensamento.

Ressalta-se que esta pesquisa não tem como foco principal discutir os modos de vida dos camponeses que habitam e produzem em terras de várzea, mas daqueles que plantam, cultivam e comercializam em área de terra firme, pois, segundo Harris (2006), os camponeses da Amazônia são heterogêneos e há uma necessidade de entender suas singularidades e especificidades.

Teodor Shanin escreve: “Camponês é uma mistificação. Para começar camponês não existe em nenhum sentido imediato e estritamente específico. Em qualquer continente, estado ou região, os assim designados diferem em conteúdo de maneira tão rica quanto o próprio mundo” (1980, p.44). Há diferentes camponeses e a natureza destes também é específica.

Conforme Shanin (1980 p. 76) “Um camponês não é uma palavra vazia a refletir os preconceitos do *populus*, as frivolidades lingüísticas dos intelectuais ou, ainda, conspirações de adeptos de uma ideologia, embora às vezes isso possa ser verdadeiro”.

O campesinato não é um modo de produção, mas é um modo de vida, representa uma especificidade. Desse modo, desde os primórdios, a história social esteve ligada a estes camponeses. Pois segundo Marques:

O campesinato se caracteriza por uma organização social específica que ora serve aos interesses capitalistas, ora lhes é contraditória. O modo de vida camponês apresenta simultaneamente uma relação de subordinação e estranhamento com a sociedade capitalista. Se, por um lado, o mercado domina o campesinato, por outro, ele não o organiza (MARQUES, 2008, p. 3 *apud* TAUSSIG, 1980, p.10).

O trabalho desses camponeses pode ou não estar ligado ao trabalho familiar, pois, diante das transformações, este camponês pode se deparar com a descamponesação. Desse modo, “A transformação capitalista propiciou a principal tendência que a mudança estrutural assumiu nas sociedades camponesas contemporâneas” (SHANIN, 1980, p. 54). Existem quatro características de camponês segundo esse autor:

- a) A propriedade rural familiar com a unidade básica da organização econômica e social;
- b) A agricultura como a principal fonte de sobrevivência;
- c) A vida em aldeia e a cultura específica das pequenas comunidades rurais;
- d) A situação oprimida, isto é, a dominação e exploração dos camponeses por poderosas forças externas.

Algumas dessas características prevalecem nos modos de vida dos camponeses amazônicos, assim como de outros no Brasil, porém existem localidades que já não se percebe mais essas características, mas dependendo do lugar esses camponeses terão definições diferenciadas.

Podemos dizer que esses camponeses pertencem a uma classe? Claro que objetivamente ele pode ser definido como uma classe “em si” no sentido clássico, ou seja, um conjunto de pessoas que mantêm o mesmo tipo de relação com os meios de produção, bem como outras características econômicas e sociais comuns” (HOBBSAWM, 1999, p. 218).

Shanin acrescenta que:

O campesinato é, ao mesmo tempo, uma classe social e um “mundo diferente”, que apresenta padrões de relações sociais distintos - ou seja, o que também podemos denominar de modo de vida. Para ele, o campesinato é uma classe social de baixa “classicidade” que se insere na sociedade capitalista de forma subordinada e se levanta em momentos de crise (1980, p. 228).

O escasso caráter de classe desses camponeses foi discutido por Shanin (1980), que mostra o quão enfraquecido está a classe e o quanto precisa se fortalecer. Entretanto, mesmo desorganizado para as lutas, eles são classes.

Os sujeitos sociais que fazem parte deste contexto, os quais nos propomos citar como camponeses, são os que realmente dão sentido social e econômico na comunidade Bom Jesus, em Tefé (AM), visto que são por meio destes que se organiza o espaço produtivo agrícola na cidade, onde suas produções são distribuídas tanto para o mercado local quanto para as próprias famílias que vivem nesta comunidade e também no entorno das estradas Agrovila e EMADE.

MODOS DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E NÃO CAPITALISTA

Os modos de produção não capitalista existiram ao longo da história da humanidade. Em presença, a terra sempre foi o principal elemento para que houvesse uma produção capitalista e não capitalista. O homem sempre esteve sujeito ao uso da terra, pois é a partir dela que ele consegue sobreviver e manter sua existência.

O modo de produção não capitalista asiático foi um exemplo citado por Karl Marx. Esta produção comunal se caracterizava como lugar onde todos trabalhavam pelo bem comum de todos, trabalhavam em comunidade, considerada uma produção de autossuficiência. “[...] Mas de fato, seu fundamento é a propriedade tribal ou comunal criada, na maioria dos casos, por uma combinação de manufatura e agricultura dentro da pequena comunidade que, assim, faz-se completamente auto-suficiente [...]” (MARX, 2011, p. 67-68). Na comuna, não existia proprietário e não havia divisão de classes, apenas o déspota que organizava a comunidade, porém ele não era proprietário, sendo assim, esse modo de produção se diferenciava em vários aspectos do modo de produção feudal.

O segundo exemplo citado por Karl Marx foi da sociedade primitiva, a qual “A base, aqui, não é a terra, mas a cidade, núcleo já estabelecido (centro) da população rural (propriedade da terra). A área cultivada é território da cidade [...]” (MARX, 2011, p. 69). Diferente do exemplo anterior, onde a aldeia era totalmente ligada à área rural e à terra, esta possui ligação com a cidade. Neste sistema, a propriedade comunal que tinha características coletivas passa-se para individual, dentro do território da cidade. Neste sentido, ressalta-se que é difícil falar do camponês sem esse aspecto coletivo (HOBSBAWM, 1999).

O terceiro exemplo é o germânico (feudal), nestes os camponeses não estão organizados em comunidade, “No fundo, cada família possui uma economia completa, constituindo, realmente, um centro independente de produção (onde a manufatura é apenas uma espécie de trabalho doméstico subsidiário, realizado pelas mulheres)” (MARX, 2011, p. 76). Neste sistema feudal, o comércio não tinha tanta influência quanto na sociedade capitalista atual. Neste sentido, o objetivo central era as práticas rurais e não urbanas.

No Modo de produção feudal a produção atendia o comércio local, pois esse era um modelo de subsistência. Neste, os servos estavam totalmente ligados à terra e aos senhores (donos do feudo). Os servos eram os trabalhadores dos senhores e realizavam atividades agrícolas em troca de um *pedaço* de terra onde pudessem morar com sua família e fazer um pequeno plantio, porém deste plantio ainda dividia com o senhor. Neste modo de produção, a divisão de classe é bem visível, pois existia a classe dos senhores e a classe dos servos, porém a comunidade não se concentrava na cidade como aponta Karl Marx:

A comunidade germânica não se concentrava na cidade; uma concentração – a cidade é o centro da vida rural, domicílio dos trabalhadores da terra e, também, núcleo das atividades guerreiras – que desse à comunidade, como tal, uma existência exterior diferenciada da de seus membros individuais (2011, p. 74).

O que os senhores precisavam era de grande quantidade de terras para sua produção e a cidade não lhe atribuía esse aspecto, por isso se instalavam em áreas rurais e a cidade era habitada pelos trabalhadores.

Na Idade Média, a situação era inversa a da Antiguidade, ocorrendo a urbanização do campo. Naquele momento, a cidade passava a ter grande importância e diversas transformações econômicas, sociais, políticas são advindas daquele momento. “A concentração na cidade proporciona a comunidade como tal a existência econômica; a mera presença da cidade é, em si mesma, algo diferente da simples multiplicidade de casas separadas” (MARX, 2011, p.75).

O modo de produção burguês é o que permeia até a atualidade, neste, tudo é em prol de uma produção que dar lucro. Neste sentido, o capitalismo ou pode se territorializar ou monopolizar (PAULINO, 2006), porém isso vai depender da localidade. Atualmente, o que predomina é o modo de produção capitalista, tudo gira em torno de lucro, destruição da natureza e exploração da força de trabalho.

O modo de produção que se instaura nas comunidades rurais da Amazônia e, em particular, no caso da comunidade abordada neste trabalho é fruto da construção dessas tipologias que surgiram no decorrer do tempo, não cabe dizer que esses modos foram extintos, mas significa dizer que foram adaptados para a realidade dessas comunidades que vivem e desenvolvem suas atividades de maneira que agrega um pouco de cada modo.

A RELAÇÃO COMUNIDADE-CIDADE E OS MODOS DE VIDA

Durante muito tempo, o campo se sobrepôs à cidade no sentido de que era autossuficiente devido aos modos de produção. Em analogia com a discussão, em Tefé a abertura da estrada da EMADE marca o início da urbanização no campo e traz consigo mudanças nos modos de vida dos camponeses, novos conteúdos são expressos na composição do campo e cidade. Com isto, intensifica-se o ciclo migratório para a cidade. De acordo com Olivier Dollfus:

[...] as cidades só puderam surgir e se desenvolver quando os campos chegaram a alcançar um *superávit* de produção que lhes tornasse possíveis abastecê-las e quando a divisão do trabalho deu origem a atividades que, já não estando ligadas diretamente à produção agrícola, podiam ser agrupadas vantajosamente no interior de uma mesma aglomeração (1982, p. 92).

Neste intuito, na sociedade capitalista que vivemos, a cidade depende do rural e vice-versa. Entretanto, estamos em uma sociedade, dividida em classes sociais, assentada na exploração do trabalho e destruição da natureza. Neste sentido, a relação campo-cidade, desde os primórdios, esteve entrelaçada uma a outra, como aponta Monte-Mór:

A dominação da cidade sobre o campo, como resultado da divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual e através do comando do mercado sobre as atividades de produção, é fato que marcou as sociedades humanas desde tempos remotos, e particularmente as sociedades capitalistas industriais modernas em que nos inserimos (2006, p. 2).

Com a urbanização, muitos dos sujeitos sociais que compõem o campo migraram para a cidade e da cidade para o campo. Há relatos de autores que apontam haver indícios de camponeses que desapareceram totalmente com a industrialização/urbanização, outros apenas mudaram seus modos de vida. A cidade atrai os sujeitos e é nela que se concretiza a desigualdade social. Henri Lefebvre escreve:

A vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais: artesanato, pequenos centros se definem em proveitos dos centros urbanos (comerciais e industriais redes de distribuição, centros de decisão e etc.). As aldeias se ruralizam perdendo a especificidade camponesa. Alinham-se com a cidade, porém, resistindo-a às vezes, dobrando-se ferozmente sobre si mesmas (1991, p. 74).

Assim, a cada dia o rural possui mais características parecidas com a cidade, pois a vida urbana penetra na cultura camponesa de forma a inserir objetos, hábitos e costumes que os distanciam da cultura tradicional.

Como mencionado inicialmente neste trabalho, a comunidade Bom Jesus é oriunda de uma Associação de Moradores. Atualmente, possui uma escola, um poço artesiano (pertence à Escola Municipal Santa Clara), comércio, luz elétrica e uma caixa d'água, desse modo, verifica-se a composição de conteúdo e forma que caracteriza esta relação.

Neste sentido, identificou-se que algumas mudanças vão se configurando na paisagem e no espaço. Uma delas é que ocorre não somente a utilização da água dos mananciais como igarapés e rios, mas novas alternativas são agora apresentadas, como a instalação de poço artesiano (água canalizada). Este poço foi perfurado e construído para atender as necessidades da escola, mas abastece as moradias adjacentes.

No que se refere ao saneamento básico, a comunidade não dispõe de destinação e disposição adequada do lixo; tratamento da água e esgoto, nem limpeza pública.

Quanto às moradias, verificou-se que a maioria são de madeira, mas verifica-se a existência de alvenaria. A casa dos camponeses tem características homogêneas, possui cinco cômodos, sendo dois quartos, uma sala, uma cozinha e uma varanda. Percebe-se que são casas de pequeno porte, pois as famílias se constituem de aproximadamente quatro a seis pessoas, isso quando não há concentração de mais famílias em uma única moradia.

Ressalta-se que, das 18 famílias que começaram a comunidade, apenas cinco residem no local, as outras retiraram-se para morar na sede municipal ou em outro município do Amazonas. Atualmente, além da produção da farinha, há outras atividades sendo desenvolvidas na comunidade. Esta pesquisa revelou o surgimento de novas categorias de trabalho como: serragem, piscicultura, servidor público, produção de carvão etc.

Entende-se que a partir do capitalismo e da modernidade, o rural adquire características do urbano, ocorrendo transformação nos modos de vida social, econômico, cultural e político. Assim, mesmo com a diversidade de atividade, em pleno século XXI as relações camponesas ainda estão presentes no rural.

Essas mudanças são positivas e negativas. A primeira no sentido do acesso à informação, escoamento de produção e objetos técnicos; a segunda acentua a desigualdade social, criminalidade no rural, além de mudança nos hábitos alimentares, precarização e exploração da força de trabalho.

Os resultados obtidos afirmam que de 100% da produção dos camponeses, 80% é vendido na cidade de Tefé e 20% é para subsistência. Percebeu-se a redução ao número de famílias que trabalham com agricultura familiar, e isto pode estar atrelado ao surgimento de outras atividades. Diante dessa relação sociedade e natureza, o homem vai remodelar seu espaço geográfico, de forma a desenvolver atividades que possam suprir suas necessidades.

Uma das atividades que é antiga, mas que se intensifica com a abertura da estrada, é a extração de madeira. Neste contexto, inserem-se os carregadores que vendem sua força de trabalho, carregando madeira dos ramais para a margem da estrada. Depois de carregados, esses troncos de árvores são desmembrados e vendidos para olarias e padarias. Esta madeira comercializada é ilegal, uma vez que não há licenciamento ambiental para sua extração. No entanto, esta atividade tem gerado lucro para os pequenos e grandes empresários e prejudicado a fauna e a flora.

Outras profissões que surgiram na comunidade foram: padeiro, comerciante, borracheiro, carvoeiro e servidor público. Essas novas categorias têm influenciado nas mudanças e permanências dos modos de vida dos camponeses da comunidade, pois, com essa nova lógica de trabalho, os agricultores deixam gradativamente de plantar, caçar e cultivar. Neste sentido, o escasso caráter coletivo desaparece e o individual prevalece.

A coletividade é percebida apenas em reuniões mensais realizadas na comunidade ou quando há presença do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (IDAM).

Portanto, mesmo com mudanças nas relações de trabalho, nos modos e costumes, percebeu-se que a comunidade está organizada, devido estar vinculada a uma associação. Esta entidade é liderada por um presidente, esse é responsável em representar a comunidade junto à municipalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças e permanências na comunidade Bom Jesus estão vinculadas a abertura da estrada e ao processo da urbanização, porém, mesmo com essas transformações nas relações de trabalho e nos modos de vida, ainda é visível hábitos e costumes de comunidades tradicionais.

A estrada da EMADE asfaltada facilita o escoamento da produção e o acesso dos camponeses à cidade. Os modais como bicicleta, moto, ônibus (gratuito e particular) e carros são essenciais para esse deslocamento.

Em pleno século XXI a relação dialética entre cidade e comunidade se dar de forma intrínseca. Percebeu-se que não há coletividade no que tange à a produção, apenas a participação dos camponeses em reuniões da associação. Existem moradores que residem na comunidade há mais de 20 anos, mas outros chegaram recentemente, são esses últimos que trazem os hábitos e costumes da cidade para o rural, pois alguns deles realizavam atividades no urbano como: comerciantes, padeiros, borracheiros, serradores, lenhadores etc. Saíram da cidade para criar novos conteúdos no rural, assim como na comunidade, além disso, não há como deixar de fora o econômico nesta análise, uma vez que os sujeitos obtêm lucro sobre o desenvolvimentos dessas atividades.

O comércio vai influenciar na transição alimentar desses camponeses, a partir deste haverá mudança nos hábitos alimentares, pois além de deixarem de lado as práticas tradicionais, deixam também de se alimentar puramente de produtos regionais, substituindo-os por alimentos industrializados.

Enfim, é necessário discutir as relações camponesas nesta sociedade capitalista, buscando compreender como o capital se apropria do rural e modifica os modos de vida, destruindo recursos da natureza e inserindo novos conteúdos e novas formas para obtenção de lucro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, S. *et al.* Comunidades ribeirinhas como forma socioespacial de expressão urbana na Amazônia: uma tipologia para a região do Baixo Tapajós (Pará-Brasil). **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 367-399, jul./dez. 2013.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DOLLFUS, O. **O espaço Geográfico**. 4 ed. São Paulo, 1982.

HARRIS, M. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, C. *et al.* **Sociedades caboclas amazônicas**: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006.

HOBBSAWM, E. **Pessoas Extraordinárias** – Resistências, Rebelião e Jazz. 2ª edição, 1999.

KAUTSKY, K. **A questão Agrária**. Tradução: Otto Erich Walter Maas. Nova Cultura: São Paulo, 1986.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução Alcides João de Barros. Editora Ática S.A: São Paulo, 1991.

MARX, K. **Formações Econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

MARQUES, M. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista Nera**, ano 11, n. 12, Janeiro/Junho, 2008.

MONTE-MÓR, R. L. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n.111, p. 09-18, jul./dez, 2006.

MOREIRA, R. **A formação espacial brasileira**: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil. 2ª ed. Consequência: Rio de Janeiro, 2014.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituação e desconceituação: o velho e o novo em uma discussão marxista. Estudos CEBRAP, nº 26, Editora vozes, 1980.

PAULINO, E. T. **Por uma Geografia dos camponeses**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do Campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos. **Agricultura Familiar**: realidades e perspectivas. 3 ed. Ed. UFP: Passo Fundo, 2001.

AGRADECIMENTOS:

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira (NEPECAB) e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEOG/UFAM.

Submetido em: 21/08/2017

Aceito para publicação em: 13/03/2018